

ANA JOHNS



A
MULHER
do
QUIMONO
BRANCO

«Um romance belo, intenso e vivo sobre o Japão,
como não se via desde Memórias de uma Gueixa.»

The Bookseller

TOP
SEL
LER

PRÓLOGO

O meu nome de batismo é Naoko Nakamura. O meu nome de casada é Naoko Tanaka. E certa vez, durante um curto espaço de tempo, foi outra coisa: um nome nada tradicional, que recebi numa cerimónia de casamento nada convencional realizada sob uma velha árvore repleta de luzes cintilantes.

Não foi um sacerdote ordenado quem oficializou a cerimónia. Não nos casámos num santuário sagrado e eu não tive as três tradicionais mudas de roupa.

Mas tive amor.

Naquele final de tarde, a noite cobriu a aldeia e as suas pequenas casas, envolvendo-as sob um manto de escuridão, mas o céu alaranjado a poente recusou-se a abandonar o horizonte, ficando à espreita, curioso. O ar húmido beijou-me as faces quando desci do alpendre e, ao dobrar a esquina, arquejei.

Lanternas de papel forravam o caminho de seixos e globos de um dourado-pálido iluminavam as árvores como *hotaru* amarelos, os pirilampos que se reúnem em enxames após as fortes chuvadas de julho. Eram tantos os globos que, quando passei por debaixo dos ramos e olhei para cima, pareceram-me guarda-chuvas gigantes que me protegiam de uma centena de estrelas-cadentes.

Com um sorriso, passei a mão pelo meu quimono para sentir a sua textura exuberante sob a ponta dos dedos. Nunca me tinha sentido tão bonita nem tão nervosa. As minhas entranhas crepitavam

de excitação como o rastilho de um foguete, um trilho carregado de energia que me percorria da cabeça aos pés.

Mais à frente, no meio da pequena multidão que me aguardava, encontrava-se o meu futuro marido. A luz da lanterna refletia-se nos olhos dele, fazendo dançar as farripas brancas que os riscavam ao centro, quais velas a cruzar o mais azul dos oceanos, e perdi-me neles. Perdi-me nele. Perdi-me naquele momento.

A cada passo, aproximava-me mais do meu futuro e afastava-me mais da minha família. Era um contraste de extremos em todos os sentidos, mas, de certa forma, eu conseguira encontrar o meu lugar entre um e outro. Era a isso que Buda chamava o «caminho do meio». O justo equilíbrio da vida.

Eu chamava-lhe felicidade.

Uma vida com amor *é* feliz. Uma vida *para* o amor é uma tolice. Uma vida de *e se* é insuportável. Nos meus 78 anos, tive as três.

A minha avó costumava dizer: «Assim é com a tristeza. Assim é com a felicidade. Tudo passa.» Porém, mesmo na minha velhice, quando fecho os olhos, ainda consigo ver as mil luzinhas minúsculas a cintilar lá no alto.

UM

América, Presente

A noite, com metade do pessoal, o Centro Oncológico de Taussig continuava a funcionar de forma tão eficiente como o navio com o mesmo nome. Com o Dr. Amon ao leme, rezei para que o meu pai conseguisse resistir à tempestade, mas, com o deteriorar do seu estado de saúde, não conseguia afastar-me da cabeceira da sua cama, onde me mantinha atenta a qualquer sinal.

Embora eu tivesse diminuído a intensidade da iluminação do quarto e a televisão estivesse em silêncio, o meu pai debatia-se durante o sono. Havia máquinas a zumbir, monitores a emitir estalidos, conversas vindas do corredor que chegavam até nós como ondas a dar à costa. Alguém assobiou.

«Assobiar ao vento era arriscado», costumava o meu pai dizer quando falava sobre os seus dias em alto-mar. «Podia invocar fortes tempestades e águas revoltas.»

O hospital não era o navio da Marinha onde o meu pai navegara na década de 1950, mas devido à improvável coincidência de partilharem o mesmo nome, eu não desprezaria as superstições náuticas. Pus-me de pé e fechei a porta.

— O que... — O meu pai sacudiu os braços, fazendo com que os tubos de plástico da alimentação intravenosa se agitassem como cabos contra um mastro. — Tori?

— Estou aqui, papá. — Pousei sem demora a mão no braço dele.
— Estás no hospital, lembras-te?

Ele acordara desorientado várias vezes durante a última semana, tendo períodos de descanso cada vez mais curtos entre os momentos de vigília. Esta tornara-se a nossa nova normalidade.

Ele esforçou-se para se sentar e fez um esgar de dor, por isso pus-lhe uma mão nas costas e ergui-o para colocar uma almofada debaixo dele. Pondo os meus dois braços debaixo dos dele, ajudei-o a mudar de posição, tendo ficado espantada com quão leve ele agora estava. Ele brincava dizendo que era «metade do homem que fora em tempos», mas eu não me ria. A verdade estava longe de ser engraçada e a piada longe de ser verdadeira. Ele *ainda* era o meu pai, um homem maior do que a vida.

Entreguei-lhe o copo de plástico com gelo. Ele abanou-o para soltar os cubos e depois bebeu o líquido. Assim que o fez, desencadeou o reflexo: uma tosse roufenha com a qual se debateu durante algum tempo até se livrar dela. Peguei no copo, dei-lhe lenços de papel e esperei que o ataque passasse. Com uma expulsão final, o meu pai reclinou-se na almofada e fechou os olhos.

— Estás bem? — Palavras ocas, porque obviamente ele não estava nada bem. No entanto, o meu pai tranquilizou-me com um aceno de cabeça.

Depois, suspirou, exalando um gemido profundo e áspero e forçando as palavras a sair.

— Alguma vez te contei sobre a famosa Rua Azul? Foi a primeira coisa que vi quando saí do meu navio no Japão.

— E a rapariga que gostava dos teus olhos foi a segunda, não foi? — Senti-me mais animada, contente por perceber que ele estava lúcido, e cheia de esperança de que se mantivesse assim o tempo suficiente para voltar a contar aquela história.

— Bem, eu tinha melhor aspeto naquela altura.

— Estás com melhor aspeto agora. — E era verdade. A cor tingira-lhe as faces; os olhos estavam vivaços e focados. Os seus movimentos tinham melhorado. Era simultaneamente maravilhoso e inquietante. O Dr. Amon avisara-me para que estivesse atenta a uma «recuperação espantosa» pouco tempo antes de o meu pai se ir embora de vez.

Para o meu pai, seria a última vitória. Para mim, seria a última história.

Sentada na cadeira ao lado da cama dele, aproximei-me e apoiei o queixo com o punho.

— Então, deste um passo, baixaste-te para tocares nas pedras reluzentes incrustadas no pavimento e...

— E, quando me levantei, lá estava ela.

— A olhar fixamente.

— Sim. E eu olhei para ela, vi o meu futuro e apaixonei-me.

O meu pai inclinou a cabeça, esboçando um leve sorriso.

Apesar de ter acabado de ouvir a versão condensada, apaixonei-me novamente por aquela história porque conduzia a todas as outras.

— Sempre que eu chegava àquele porto, ela encontrava-se lá comigo — continuou o meu pai. — Mas eu estava sempre a ir e a vir. Era mesmo assim... Éramos dois navios que passavam um pelo outro a meio da noite, como no poema do Longfellow.

O meu pai respirava com dificuldade.

Peguei-lhe na mão manchada e apertei-lha.

— Depois de cumprir o serviço militar, fiquei preso em terra e afoguei-me na bebida em Detroit. Mas depois conheci a tua mãe e ela salvou-me. — Os olhos dele fixaram-se nos meus. — E aqui está o que precisas de saber. Estás a ouvir?

— Estou. — Agarrei-me a cada palavra.

— A tua mãe foi o amor da minha vida, mas antes *dessa* vida, eu vivi outra. É isso que tenho tentado dizer-te. — Os lábios dele contorceram-se.

Quando? Quando é que ele me tentou dizer? A minha mente percorreu todos os momentos das últimas semanas, tentando decifrar o que me teria escapado. Nem sequer estava a perceber o que «vivi outra vida» poderia significar. Também não tinha a certeza de querer perceber.

— Seria mais fácil se simplesmente lesse a minha carta. Preciso que faças isso agora, está bem, Tori? Está na hora.

Está na hora?

De imediato, o meu peito contraiu-se. Formou-se um peso atrás das minhas costelas e o inchaço estrangulou-me o coração. Mantive a bolha emocional bem presa no seu lugar, respirando superficialmente, temendo rebentá-la. Não me conseguia mexer.

O meu pai esticou uma mão e tocou na minha.

— Está no meio das minhas coisas. Vai lá buscá-la.

Encontrei a mala dele atrás da porta da casa de banho, pousei-a na bancada e abri-a. Com as mãos a tremer, remexi nas roupas dele e senti-me petrificada quando os meus dedos tocaram num pedaço de papel. Puxei-o com cuidado para o retirar da mala e depois fiquei a olhar fixamente para ele.

A tinta vermelha. Os caracteres *kanji*. Os vincos e as dobras.

Regressei para junto do meu pai e os nossos olhares cruzaram-se.

Um homem moribundo. Uma filha com o coração partido.

— Vem cá, senta-te — disse ele. — Está tudo bem.

Mas não estava. Porque um «adeus» não é algo que se possa retirar. Não estava pronta para me despedir, por isso não queria ouvir o meu pai a fazê-lo. Não conseguia.

A pressão ardia-me na garganta.

— Eu, hã... — Dei um passo na direção dele, depois parei, precisando que tudo abrandasse e respirasse fundo para que eu também o pudesse fazer. O stress dos últimos meses, o desconsolo do lento declínio do meu pai, o impiedoso cancro e agora... Um nó sufocante cresceu-me na garganta enquanto as lágrimas se formavam. Encaminhei-me rapidamente até à porta.

O meu pai disse alguma coisa, mas eu já estava no corredor para que ele não me visse. Cobri a boca e respirei fundo, tentando conter a força da emoção. Como é que chegámos a este ponto? Tínhamos pesquisado tratamentos, aplicado todos os remédios caseiros, consultado um especialista e, mesmo assim, não fora o suficiente. A confusão e a culpa pesaram-me sobre os ombros, abatendo-me sob o seu peso. Analisei o envelope. Olhando agora em retrospectiva, devia tê-lo aberto no dia em que chegou.

* * *

O meu pai estava a ver o jogo na sala de estar.

— Tori, és tu?

— Sim, sou eu. — Atirei para cima da mesa as minhas chaves e as cartas dele que eu tinha recolhido, surpreendida por ele me ter ouvido a entrar com o som da televisão tão alto. — Chegou uma carta para ti. — Espreitei pela porta da sala de estar e acenei-lhe.

Os olhos dele permaneceram fixos no ecrã. O meu olhar baixou-se para a mala vazia ainda pousada ao lado da cadeira dele. Ele tinha de fazer a mala que levaria para o hospital porque iríamos sair na manhã seguinte. Apesar de ter sido quase um milagre o especialista ter conseguido arranjar-lhe vaga, eu compreendia a falta de entusiasmo do meu pai.

Eu odiava o cancro.

Era algo que estava a corroer-lhe mais do que apenas o corpo. Devorava o espírito dele, o que, por sua vez, consumia o meu. Sentia-me desesperada; aos 38 anos, era novamente uma criança.

Deixei-o a ver o seu jogo, uma das poucas coisas de que ele ainda gostava, servi-me de uma chávena de café e depois instalei-me para separar as pilhas de correspondência. As cartas haviam sido amarradas com elásticos grossos e enfiadas na sua caixa postal como se ele tivesse ido de férias durante um mês inteiro e se tivesse esquecido de interromper o serviço. Só que ele não fora de férias. Apenas se esquecera de me pedir para ir verificar o conteúdo da caixa postal.

Bebi um gole de café e dei por mim a olhar para o envelope. Símbolos asiáticos vermelhos carimbados por toda a parte. Linhas grossas vermelhas atravessavam a morada. Por cima da morada, em caracteres latinos, lia-se PARTI¹. *Parti*? Virei-o. Voltei a virá-lo. Tinha sido dobrado mais de uma vez e tinha a borda puída como se tivesse ficado preso no separador automático; fiquei surpreendida por ter sido entregue de todo.

A jornalista de investigação em mim sentiu vontade de abrir o envelope.

¹ A indicação «parti», em francês, significa que o destinatário já não reside naquela morada. [N. T.]

Segurei-o contra a luz por cima da minha cabeça. Se o posicionasse num determinado ângulo, conseguia discernir o contorno de uma carta dobrada e uma espécie de fio. Sacudi-o, mas o envelope não pesava nada. Voltando-o ao contrário, alisei os vincos e depois vi uma palavra familiar esborratada numa dobra do papel.

Japão.

A tinta do «J» estava borrada. Passei a ponta do dedo por cima dela. Quem é que o meu pai ainda conhecia no Japão? Estivera lá destacado nos seus tempos na Marinha e contava todo o tipo de histórias exageradas sobre a época que passara no estrangeiro, mas eram todas de há cerca de 50 anos. Não havia nenhum emblema ou insígnia militar, por isso não era um anúncio de uma reunião oficial. Talvez uma reunião oficiosa? Ele jogara basebol enquanto esteve alistado, mesmo no Japão.

Uma vez, a equipa da Marinha da Sétima Armada defrontou os Shonan Searex, a liga de juniores de Yokosuka, num jogo de apresentação perante um estádio lotado. Sempre que falava disso, o meu pai costumava encimar a testa com uma mão em pala como se estivesse a perscrutar a multidão.

«Nem um único lugar vazio, até onde se conseguia ver. Consegues imaginar, Tori?»

Eu sempre consegui.

O estádio ao ar livre, o campo perfeito com a sua relva aparada, e o meu pai, tão jovem, tão nervoso, a aquecer no monte de areia do lançador.

«Nem imaginas o barulho», contava o meu pai.

Em vez de aplausos, ouviam-se bastões de plástico coloridos a bater nas costas dos bancos: *tum-tum-tum*. As líderes da claqué andavam para a frente e para trás a bater em tambores e a entoar cânticos de vitória. Grupos de adeptos organizados em secções específicas entoavam canções personalizadas e gritavam através de megafones. O meu pai dizia que o basebol no Japão da década de 1950 dava uma voz estrondosa a uma cultura geralmente muito plácida.

Embora o jogo tivesse sido amigável, a partida promovida contra os Estados Unidos carregava um enorme peso subjacente. O meu

pai contou-me que o país do sol nascente só queria vencer as estrelas e as riscas da bandeira vermelha, branca e azul.

«Quase desejava que tivéssemos perdido», dizia sempre o meu pai. «A família da minha miúda encontrava-se naquelas bancadas e eu não queria ser insultuoso, principalmente antes de os conhecer.»

Era sempre «a miúda dele» quando contava aquelas histórias. Nunca soube o nome dela. E se a minha mãe estivesse por perto, ele não contava aquelas histórias. Quando lhe perguntava pela miúda dele, ele abanava a cabeça, deixava escapar o ar que lhe insuflara as bochechas e dizia:

«Ela era especial. Ah, se era!»

Ele também era. Eu adorava-o.

Um homem que bebia aguardente de fruta como o seu pai eslovaco, que se pavoneava como o John Wayne e que contava histórias coloridas como ninguém.

No entanto, em relação à *maioria* das suas histórias, era difícil destrinçar a verdade da ficção.

«O que é a verdade senão uma história que contamos a nós mesmos?»», dizia ele, e depois piscava-me um olho, tocava-me ao de leve no nariz e deixava-me a desenredar os factos da fantasia. Algo que eu continuo a fazer ainda hoje.

Mas aquela carta do Japão... *aquela carta* era real.

— Os Tigers perderam — disse o meu pai, assustando-me, enquanto se arrastava até junto do frigorífico. Abriu-o e olhou fixamente lá para dentro.

— Queres almoçar?

Ele precisava de comer alguma coisa. Estava a definhar. No início, a sua figura esguia ganhou elogios, mas a admiração cessou quando a perda de peso continuou. Até as mãos dele, as mesmas que outrora haviam arremessado a bola num estádio lotado, tinham emagrecido até ficarem só pele e osso.

Fechou o frigorífico de mãos a abanar, apertou o cinto do seu roupão azul e depois coçou a barba por fazer no queixo com uma covinha.

— Não, não tenho fome, obrigado. — Apontou para o envelope.
— O que é isso?

— Eu disse-te. Recebeste uma carta. — Estendi-lha. — É do Japão.

Ele agarrou-a com a rapidez de um relâmpago, olhando para os carimbos. Ficou imediatamente com o semblante carregado. Apertando bem a carta contra o peito, deu meia-volta e saiu sem dizer uma palavra.

Aguardei alguns minutos antes de ir atrás dele.

Ele estava de pé, imóvel, com o olhar cravado no envelope, postado no meio do seu quarto às escuras. Os cortinados com galão franzido não conseguiam afastar os olhos curiosos do sol. Nem os meus. Entreabri a porta mais dois ou três centímetros. A brecha deu lugar a longos dedos de luz que se estendiam pela divisão e lhe tocavam no ombro. Ele virou-se, usando uma mão para cobrir o rosto com a barba por fazer e assim esconder a expressão pouco familiar. Uma expressão tão estranha para mim como aquela carta.

Uma expressão com lágrimas.

DOIS

Japão, 1957

A minha avó costuma dizer: «A preocupação faz com que uma coisa pequena tenha uma sombra grande.» E quando é uma coisa grande? A sombra que se está a aproximar de mim é espessa e monstruosa, quase viva.

Levanto-me antes de o sol nascer para ajudar a Okaasan, a minha mãe, a preparar a refeição matinal composta por arroz branco, peixe grelhado e sopa de *miso*, mas não tenho fome. A minha barriga está demasiado cheia de preocupações.

Tenho quase 18 anos e amanhã começa a *omiai*, a reunião para o meu casamento combinado.

Pelo menos agora que os ideais americanos desencadearam uma guerra contra esta tradição antiga, as apresentações são a única parte decidida. Cabe-me a mim escolher a pessoa com quem me vou casar. É claro que ter essa opção e poder tomá-la são duas coisas completamente diferentes. Este é o meu desafio. Um dos muitos desafios que tenho de enfrentar.

Tirando o prato das mãos da Okaasan, faço uma vénia ao meu pai e ao meu irmão quando estes entram na sala a discutir política. Uma conversa profética que flui das Nações Unidas e da independência do Japão para a dissociação da América.

O meu pai anda sempre bem barbeado e tem o cabelo cortado curto, uma preferência que mantém desde a sua passagem pelo Exército; enverga um fato escuro ao estilo ocidental para impressionar os

parceiros comerciais estrangeiros. Como o Taro é o Oniisan, o irmão mais velho, e trabalha com o nosso pai, veste-se e comporta-se como ele. Uma imitação perfeita, exceto no que toca à sua língua afiada, o que não é considerado prudente.

— Dentro de pouco tempo, Naoko, vais encontrar-te com o Satoshi e garantir os nossos rendimentos futuros — diz o Taro num tom presunçoso.

— Uma união predestinada — acrescenta a minha avó, entrando atrás deles. Os seus lábios finos formam um sorriso de boca fechada, que lhe arredonda as faces de pele flácida.

Conheço o Satoshi há alguns anos, por isso, saberia dizer se estivéssemos *predestinados*. Uma união forçada, é o que é. E a minha felicidade futura? O amor não conta? Disponho uma taça em frente à minha avó e sirvo-lhe o chá com cuidado.

— Mas, primeiro, todos concordaram em conhecer o *meu* pretendido. — Retribuo-lhe o sorriso.

Um casamento com o Satoshi é a forte *sugestão* da minha família.

Um casamento com o Hajime é a minha maior *esperança*.

— Põe-te a caçar dois coelhos e acabas por não apanhar nenhum — diz a minha avó. Este é apenas um dos muitos aforismos que guarda no seu arsenal. Mas em vez de lançar só uma flecha, que se poderia partir com facilidade, ela lança logo dez de uma vez.

Estou preparada e pronta para mais golpes quando a minha mãe se posiciona entre nós como um escudo.

— Acho que para o encontro de amanhã com o teu Hajime iremos reunir-nos no jardim, onde beberemos um chá e faremos as apresentações adequadas. É capaz de ser o melhor, não te parece? — Para evitar os olhos inquisitivos do meu pai, a minha mãe ajeita uma madeixa que se soltou do seu carrapito.

Tudo na Okaasan é asseado e bonito. Ela é delicada, com um porte elegante e o cabelo comprido da cor da fuligem usada para fazer tinta *sumi*. Ela mantém-no apanhado firmemente junto à nuca, com a ajuda de compridos alfinetes de jade.

Faço uma ligeira vénia, grata pela sua intervenção. Antes de a guerra interromper os negócios de importação e exportação do meu pai,

ele era o rei de um império e a nossa casa tinha muitos criados, incluindo jardineiros. Agora, passamos por dificuldades, tratando de tudo sem ajuda. Passamos por dificuldades de forma generalizada, como acontece com toda a gente. Portanto, utilizar o jardim implica muita preparação e muito trabalho. O facto de a minha mãe ter declarado que seria utilizado para a apresentação malquista do Hajime acalma a discussão por ora.

A Okaasan sabe o que está em jogo. Talvez tudo.

O pai do Satoshi, um poderoso comprador da Toshiba, é o cliente mais importante do meu pai. Isso faz de mim um isco valioso. Se o Satoshi o morder, a minha família colherá as recompensas sob a forma de ganhos financeiros constantes para aliviar o nosso fardo. Se eu recusar e causar vergonha, ele poderá rejeitar o negócio da minha família, duplicando as nossas dificuldades.

Só há uma saída.

O Hajime terá de ser irrepreensível quando for apresentado amanhã para que seja considerado uma escolha viável, e o Satoshi terá de me considerar desadequada e escolher outra. Dessa forma, a família dele não passará vergonha e a minha não sofrerá quaisquer consequências. A fortuna da minha família continuará a reconstruir-se com base no seu próprio mérito e eu terei um casamento construído com base no amor.

Este é o meu plano.

Na batalha entre a pedra e a água, a água acaba por vencer. Uma vez que a mente da minha família está obstinada como pedra, tenho de persistir como a água para conseguir mudá-la.

— Vou chegar tarde, Okaasan — digo, ignorando o aperto que tenho no peito. — Como vou faltar às aulas de dança tradicional nos próximos dias, terei de ficar depois das aulas com a Kiko para ensaiar. — É apenas uma mentira piedosa, uma vez que irei efetivamente a um ensaio. Mas em vez de dançar com a Kiko, será a preparação do Hajime.

O Kenji, o meu irmão mais novo, entra a correr e aterra com um baque na almofada pousada no chão, chocalhando os pratos e assustando a avó.

Tem 9 anos e é lindo de morrer. Os olhos brilhantes e as pestanas escuras e compridas fazem com que tudo lhe seja desculpado, até mesmo os maus modos.

Lanço-lhe um olhar severo. O Kenji põe a língua de fora.

Com todos presentes, dizemos «*Itadakimasu*» — «recebo com gratidão» —, mas a minha cabeça permanece baixa enquanto peço mais algumas bênçãos. *Por favor, que a reunião de amanhã seja perfeita para que o facto de o Hajime não pertencer a uma família com nome não envergonhe a nossa e não valorize mais a do Satoshi, que é tão proeminente.*

Sim, uma barriga cheia de nervos, mas um coração repleto de esperança.

O dia na escola avançou como um caracol, lento e penoso. Mesmo agora, à espera do Hajime na estação de Taura, o tempo arrasta-se. Ao sair da plataforma, o sol da tarde ressalta nos telhados de aço, cegando-me. Pestanejo perante o brilho, à procura do rosto do Hajime entre tantos outros. *Onde é que ele está?* Estou ansiosa para ensaiarmos.

Homens americanos de uniforme passam à minha frente a comer. O Hajime não vai cometer erros tão grosseiros. Temos andado a trabalhar nas questões da etiqueta para impressionar a minha família. Nunca se deve caminhar e comer ao mesmo tempo. Devemos sentar-nos para demonstrar o nosso respeito pelo tempo e sacrifício que os atos de plantar, colher e preparar os alimentos implicam. Os americanos parecem não reparar ou então não se importam que todos desviem o olhar perante a sua falta de cortesia. Todos exceto o Hajime. Ele passa mesmo pelo meio deles.

Está vestido com uma t-shirt branca e calças beges. Com o seu cabelo fino do tom do ferro fundido, penteado para trás com uma popa, e com a covinha profunda no queixo, parece o Elvis ou uma estrela de cinema. Talvez o James Dean. Somos ambos loucos por todas as coisas modernas. Gostava de ter podido trocar de roupa e não estar com o meu uniforme. Pelo menos, o meu rabo de cavalo está mesmo no alto da cabeça no popular estilo ocidental.

Aceno quando o vejo a aproximar-se.

O meu sorriso já me faz doer as faces. Como se costuma dizer, o amor e a tosse não se conseguem disfarçar, e eu tenho de me conter para não começar a correr ou a gritar.

Assim que nos cruzamos, há um momento constrangedor em que queremos saltar para os braços um do outro, mas contentamo-nos com pequenas vénias, depois rimos quando quase batemos com as cabeças. O Hajime pega-me na mão — um tabu social — e, com passos rápidos, puxa-me por entre as montras para um beco estreito.

Baixo a cabeça, preocupada com a possibilidade de atrairmos os olhares de corações endurecidos que tecem juízos de valor.

— Eles andam por aí como traças. Temos de ir, Hajime.

— Bem, tal como as traças, são simplesmente atraídos pela tua luz. Portanto, deixa-os olhar. — Ele sorri, revelando o espacinho que tem entre os dentes da frente. Inclina-se, grita: — Olá! Eu amo esta rapariga!

— Chiu! — Apresso-me a esconder-me do outro lado, colando-me à parede a rir, mas depois pergunto:

— Que luz? — Estou a sorrir, mas fico de olho na rua.

Ele vira-se e volta a pegar-me na mão.

— Aquela que está por detrás dos teus olhos. — O Hajime aperta-me a mão e depois segura-me na outra. — Aquela que brilha no teu coração. — Dá-me um beijo rápido e suave na palma de cada mão.

As minhas faces ardem, incandescentes. Agora só tenho olhos para o Hajime. Ele é um provocador, um rapaz mas também um homem, e a mistura dos dois é maravilhosa. Ele aproxima-se mais de mim, encostando a testa à minha.

— Olá, Grilo.

— Olá, Hajime. — Esboço um sorriso ainda maior, espantada com a minha coragem quando estou junto dele. Contrario toda uma vida de lições: mostrar humildade, ficar calada, pôr os outros em primeiro lugar. Tudo coisas boas e, ainda assim... olho para baixo, afastando o meu olhar do dele. Os olhos dele vão engolir-me se eu não tiver cuidado, mas ele segura-me nas faces com ambas as mãos, toca-me ao de leve no queixo.

— Vou beijar-te aqui mesmo, nos lábios, está bem?

Inclino-me na ponta dos pés e beijo-o primeiro.

O meu coração oscila entre o pânico e a felicidade. *Quem é esta rapariga em que me tornei?* Como o amanhecer a dar as boas-vindas ao sol madrugador, abro-me para ele. Sim, ele é delicioso, doce como *kompeito* na minha língua. E, tal como me acontece com os doces, sou gananciosa e só quero mais e mais. Ter o que o meu coração deseja? É libertador. Mas nós prometemos. Não o vamos fazer outra vez até estarmos casados.

Por isso, afastamo-nos.

Sorriso. O Hajime esboça um sorriso rasgado. Dou-lhe um murro ao de leve no peito e rio-me. Sim, *quem* é esta rapariga? Ele abraça-me e eu sei. Eu sou dele. Ainda sou eu, mas mais corajosa, mais brilhante, *livre*. Se irradia uma luz vinda do meu interior, é da felicidade que ele desencadeia.

— Tenho uma surpresa — diz ele, depositando um beijo na minha cabeça antes de me soltar. — Anda. — Com longos passos, ele sai do beco, depois vira-se e acena-me para que o siga.

— Aonde vamos? — Tenho de estugar o passo para conseguir acompanhá-lo enquanto ele passa da rua para um campo de relva alta e malcuidada.

O Hajime vira-se e caminha de costas com um sorriso matreiro. Baixa-se para arrancar uma folha de relva, parte-a curta e mastiga-lhe a ponta.

— *Aonde*, Hajime?

Os olhos dele, azuis como um céu limpo após uma chuvada, semicerram-se e depois fecham-se totalmente quando se vira.

— Não. Não te posso dizer. — Espreita por cima do ombro. — É uma surpresa.

Os meus olhos ficam arregalados. Ele começa a correr.

— Espera! — Rio-me, perseguindo as suas passadas largas e rápidas. A relva alta chicoteia-me a barriga das pernas, que estão à mostra, mas obrigo-me a ser mais rápida quando ele está muito afastado, porém, depois abrando quando deixo de o ver. — Hajime?

Olho para as árvores próximas, olho para o caminho por onde viemos e depois viro-me.

— Ah!

Guincho com o susto que ele me prega, depois cubro o rosto, fechando bem os cotovelos. Rindo-se, ele abraça-me, embala-me para a frente e para trás, sussurra que me ama.

E basta isto — estou feliz.

Deslizo ligeiramente as mãos, inclino-me e espreito por cima da ponta dos dedos. O Hajime curva-se e planta um beijo na minha testa. Sim, sou dele. Ele é meu. Isto é o destino.

— Anda lá, é já ali à frente — diz ele, puxando-me a mão.

Passeamos de dedos entrelaçados. O Hajime a mastigar mais uma folha e eu a mastigar as minhas preocupações.

— Hajime, ainda temos de ensaiar. Não te esqueceste, pois não? Compreendes a importância?

— É claro que sim. — O Hajime olha-me de soslaio. — É por isso que já ensaiámos pelo menos uma centena de vezes.

— Uma centena de vezes não é nada. — O meu coração bate ao ritmo do descontentamento. — Para dominar totalmente a arte do chá, são precisos *anos* de prática, talvez uma vida inteira. Para dominar completamente as regras de etiqueta, só temos agora este momento. — Detenho-me, por isso ele também o faz, e imploro-lhe com os olhos. — O encontro de amanhã é tudo. Por favor, temos de ensaiar.

— Está bem... — Ele olha para cima, à procura das respostas. — Primeiro, admiro a taça, depois giro-a duas vezes, peço desculpa por beber antes dos outros para mostrar humildade e faço uma vénia antes de beber um gole. — Ele baixa o queixo. — Estás a ver? Estamos preparados, agora vamos lá.

Ele puxa-me a mão. Não estou convencida, por isso continuo a testá-lo enquanto subimos uma colina íngreme, afastando-nos da rua cheia de gente lá em baixo. Não sei ao certo para onde vamos, mas não deixo que isso me distraia do nosso objetivo.

— O que fazes antes de passares a taça?

O Hajime hesita.

Expludo.

— Tens de limpar o rebordo com o guardanapo, senão arriscas-te a causar um constrangimento, lembras-te? — O meu estômago

revira-se. Um erro desses nunca será esquecido nem perdoado. — Em que direção passas a taça de chá depois de limpares o rebordo?

O rosto do Hajime fica inexpressivo.

O meu enche-se de alarme.

— Esquerda, Hajime. *Esquerda!* — O meu coração acelera e eu começo a andar mais depressa, assumindo a liderança. — Como vamos convencê-los de que formamos um casal adequado, se não te consegues lembrar destas coisas?

— Grilo.

— Temos de ser *perfeitos*. — Continuo a andar. A marchar, a dar-lhe um sermão, a entrar em pânico. — Sem erros. Não podemos sequer cometer um pequeno deslize, senão podem recusar o nosso pedido e obrigar-me a casar com o Satoshi. — Os meus braços agitam-se enquanto as minhas palavras continuam a sair disparadas. — *Tu* és a minha felicidade. É *contigo* que eu devo estar. Compreendes? Estamos *os dois* destinados um ao outro, por isso, temos de ser perfeitos e fazê-los perceber isso!

— *Naoko!*

Viro-me por que, estranhamente, ele usou o meu nome verdadeiro.

— Estás a ver aquilo? — Ele tenta esconder um sorriso e, depois, avança. — Olha. Como é que poderiam recusar quando já temos uma casa?

Voltando-me para o sol, pestanejo para me livrar das manchas escuras e descubro algumas filas dispersas de pequenas casas agrupadas na encosta, formando um vilarejo. São estruturas pequenas, com telhado de palha, que carecem de reparação. Viro-me para o encarar. *Já temos uma casa?* Nesse momento, o meu coração para.

— *Aqui?*

Virando-me novamente, o Hajime descansa o queixo no meu ombro e aponta.

— Ali. Aquela no topo da pequena colina é nossa. — Ele sorri perto da minha face e aguarda o meu sorriso.

Eu limito-me a morder o lábio.

— Eu sei que não é nada de especial. É pequena e velha, e não é de todo aquilo a que estás habituada ou aquilo que mereces. — Ele fala

de forma excitada e apressada. — E eu não tenho nada para te oferecer, exceto a promessa de te amar e...

Ele ama-me.

Que rapaz usa estas palavras? Nenhum de entre todos os que conheço. Nem sequer o meu pai diz isso à minha mãe. Enquanto ele fala das reparações que tem planeadas, encosto-me a ele em busca de conforto e inspiro o seu aroma: couro acabado de curtir e citrinos. O *aftershave* incomum tem um cheiro exótico. Gosto de tudo nele porque nada é aquilo de que eu estaria à espera.

— ... e ali, ao lado do alpendre, eu podia arranjar um espacinho para um jardim. Consegues vê-lo? Eu sei que irias viver com o Satoshi e a família dele nalguma moradia grande e moderna, mas...

— Quem é que precisa de uma moradia grande e moderna? — Encaro-o, surpreendendo-me com a minha rápida refutação. — Quem é que quer uma sogra difícil de agradar, ou ter de se adaptar à hierarquia e às regras de outra família? Eu cá não, por isso uma pequena casa com um piso, se estiver contigo, é perfeita.

O Hajime mais do que tolera o meu coração e a minha mente, na verdade, ele celebra-os, mas... O meu coração vacila e tenho de desviar o olhar.

Porque é que isto tem de ser tão difícil?

— O que se passa? — Olhos inquisitivos perscrutam o meu olhar culpado. — Não gostas? — O medo trepa-me pela coluna. — Grilo, sabes que me podes dizer tudo. Nunca terás de esconder os teus pensamentos, está bem?

Anuo com a cabeça, grata. Com o Hajime, sou livre para expressar opiniões ou agir de forma tola, porque ele gosta dos meus pensamentos, bem como do meu sorriso. *Mas como explicar isto?* Não é a casota em ruínas que causa o meu alarme, mas a comunidade. É numa região que alberga os *eta*, os proscritos. Os *burakumin* estão no fundo da hierarquia social. São pobres, alguns são mestiços, e trabalham em empregos que lidam com a morte: são talhantes, curtidores de pele, coveiros. Portanto, são considerados contaminados, impuros e *azarados*.

Eu é que sou azarada.

A minha família vai proibi-lo, tenho a certeza. Viver aqui prejudicaria a reputação do meu pai e as perspetivas que o Taro tem de construir a sua própria reputação. O Hajime não sabe que a minha família já tem preferência pelo Satoshi, como poderia eu agora acrescentar ainda mais isto? Seria mais uma pedrada no charco. Esfrego o nariz e olho para os pés.

As sombras projetadas são enormes, pois estas preocupações não são nada pequenas.

TRÊS

América, Presente

Na manhã da consulta do meu pai, carregámos o seu *Cadillac* descapotável e dirigimo-nos para leste. A via rápida com as suas duas faixas levar-nos-ia até ao Centro Oncológico de Taussig, no Ohio, passando por campos de soja, pés de milho e vários quilómetros de metal giratório. As enormes turbinas enchem o horizonte, formando parques eólicos, até onde a vista alcançava. O meu pai levantou a pala da sua boina, enxugou a testa com o lenço e observou-as através da janela fechada.

Observei-o de soslaio.

Não faláramos sobre a sua carta do Japão — o que significava, de quem era, a forma como ele reagira —, mas isso não queria dizer que eu não tivesse pensado no assunto. Como poderia ter deixado de pensar? Ele trouxera a carta. Reparei nos carimbos vermelhos familiares em cima do *tablier* antes de partirmos. O meu pai percebeu para onde eu estava a olhar, pegou no envelope, dobrou-o e enfiou-o no bolso. Não disse uma palavra e eu sabia que não valia a pena perguntar, mas além de me preocupar com a febre dele, que estava cada vez mais alta, não pensei em mais nada.

Quem é que a teria enviado? Talvez um velho companheiro do navio, mas, nesse caso, a carta teria tido origem nos Estados Unidos, não teria vindo do estrangeiro. Um agradecimento por algum ato de caridade ou um boletim informativo foram opções que me passaram pela cabeça. O meu pai efetivamente ajudou crianças e patrocinou

causas em todo o mundo, mas nenhum desses atos teria gerado aquele tipo de reação. Só o tinha visto a chorar daquela maneira uma única vez: no funeral da minha mãe.

Então, o meu pai soltou uma tosse cavernosa, vinda do fundo do seu peito, para tentar limpar a garganta, e depois olhou para mim.

— Estás muito calada.

— Estou concentrada — disse eu, e estava. Embora aquele descapotável de 1958 fosse um espetáculo digno de ser visto, com os seus estofos vermelhos em *capitoné*, a carroçaria branco-pérola e as riscas vermelho-escuras que iam desde os faróis salientes até à traseira dramática, a sua grande dimensão tornava-o difícil de conduzir. Era também a primeira vez que eu o conduzia.

Contudo, quando eu era mais nova, e antes que a minha mãe o conseguisse impedir, o meu pai costumava colocar-me entre eles e deixava-me ajudá-lo a manobrar o volante. A minha mãe gritava quando o meu pai soltava o volante, mantendo-o estável apenas com um joelho erguido e repreendia-o para que «abrandasse» quando ultrapassava a velocidade máxima recomendada nos sinais de trânsito. Viajar no *Cadillac* do meu pai sempre fora uma aventura divertida.

Conduzir aquele clássico descapotável era uma experiência diferente. Era difícil de manobrar e, à medida que os carros iam passando por nós, éramos chicoteados pelo vento vindo de todas as direções. Mesmo com as janelas fechadas e os óculos de sol postos, não conseguia afastar o cabelo dos olhos. Andar sem a capota não era bem a emoção de que me lembrava. Foi isso que eu disse ao meu pai.

Como que por magia, ele fez aparecer uma flâmula vermelha do porta-luvas. O tecido coloriu o vento e ondulou como uma vela majestosa.

Os meus olhos esbugalharam-se quando o reconheci. *O lenço da minha mãe!* Já não o via há anos. Ainda conseguia vê-la com ele posto: o cabelo louro-claro, encaracolado pelos rolos em que passara a noite, aconchegado e coberto pelo bonito estampado florido.

Enquanto tentava posicioná-lo sobre o meu cabelo, o meu pai segurou no volante; não conseguimos fugir à ironia, embora estivessemos a fugir da faixa de rodagem. Afastámo-nos um bocadinho,

fazendo com que outro carro tivesse de se desviar e nos buzinasse. Apressei-me a atar as pontas debaixo do queixo e depois, de sorriso rasgado, virei-me para o meu pai.

Ele sorriu-me também.

— Fica-te bem. Devias ficar com ele.

Olhei para o espelho retrovisor, vi o meu rosto em vez do rosto da minha mãe.

— Não seria capaz. Era dela.

— Não, estou a falar a sério. — Ele encolheu um ombro. — A verdade é que eu sempre quis que fosse teu, mas a tua mãe encontrou-o e eu não pude fazer nada, não é?

O meu coração bateu com força.

— Tens a certeza?

— Sim. Quero que fiques com ele. É importante.

Ajeitei o lenço no cabelo e sorri. Gostava mesmo daquele lenço. Quando estava posto, o padrão vermelho e branco convergia e pintava a mais bela história a cores, mas quando estava aberto e alisado, segundo o meu pai, o padrão do lenço contava uma única história.

«Uma história secreta», diria ele, passando os dedos ao longo da bainha enrolada à mão. Depois, contava-me que a China mantivera o segredo durante quase dois mil anos. Apontava para o padrão de flores estampado no lenço, dizendo que eram as mesmas flores que se encontravam no jardim do palácio, onde a jovem imperatriz descobriu pela primeira vez algo mais valioso do que o ouro: os bichos-da-seda.

«Ela estava a tomar chá quando um casulo caiu do céu e, para sua surpresa, aterrou mesmo em cheio na taça dela.» Os olhos dele esbugalhavam-se para ilustrar bem a cena, e eu ria-me quando ele fazia a careta. Depois, ele fingia pescar o casulo, tal como a imperatriz fizera, afirmando que ele se desenrolou num único fio cintilante com quase um quilómetro de comprimento.

A família real, tão impressionada com o brilho perolino, usou o delicado filamento para tecer tecidos exóticos que comercializou por todo o mundo. E porque a rara seda cresceu até se tornar

objeto de lenda, o imperador emitiu um decreto imperial para manter a fonte — os bichos-da-seda que viviam nas amoreiras no seu jardim — em segredo.

«E assim continuou, até que...» O meu pai erguia um dedo.

Eu aproximava-me dele, ciente de que, a partir dali, a história iria mudar.

Às vezes, era uma princesa mimada, prometida a um príncipe de uma terra distante. Ela não suportava viver sem as roupas luxuosas, por isso escondia os casulos no toucado do casamento.

Outras vezes, o meu pai alegava que dois monges nestorianos tinham usado as suas altas canas de bambu para contrabandear os bichos-da-seda para fora do país. Mas a minha favorita sempre fora a dos espíões japoneses que haviam viajado pela longa Rota da Seda da China, que, segundo o meu pai, estava tecida no padrão do lenço. Eu passava horas a imaginar a sua viagem de seis mil e quinhentos quilómetros enquanto percorria com um dedo as várias linhas do padrão.

Se o *Cadillac* era o bem mais precioso do meu pai, as memórias do lenço de seda da minha mãe com o seu padrão intricado e as histórias nele escondidas eram o meu bem mais precioso.

— Estás calada outra vez — disse o meu pai, afastando-me das minhas recordações.

Eu olhei para ele.

— Estava a pensar na imperatriz e em como o casulo do bicho-da-seda tinha caído no chá dela.

— Lembras-te disso?

— É claro que sim. Lembro-me de todas as tuas histórias. Havia aquela sobre os navios que travavam uma batalha em alto-mar, a luta pela princesa japonesa... — Às vezes, nessa, o meu pai dizia que o rapaz era um samurai cujas palavras inteligentes eram mais rápidas do que a própria espada. Outras vezes, era um príncipe rico que podia dar-se ao luxo de lhe dar tudo, exceto a única coisa que o seu coração desejava. Quando lhe perguntava o que era, ele sorria e respondia: «Eu.»

— Oh! — Bati no volante. — E havia a história do chá com um imperador.

— Com um império. — O meu pai riu-se e resfolegou. — Ele era um rei mercador com um vasto império comercial. Como é que te esqueceste dessa?

— Tens muitas histórias relacionadas com chá. — *E com o Japão.* Olhei de relance para o meu pai. — Podias refrescar-me a memória.

O meu pai agradeceu-me com um sorriso. Nesse preciso instante, o tempo andou para trás. Para quando um homem maior do que a vida contava histórias épicas a uma menina que as adorava. Foi um reencontro que muito apreciei.

— Bem, posso dizer-te uma coisa; além da seda... — Ele aclarou a garganta. — *Nunca* nada de bom veio do chá.

QUATRO

Japão, 1957

E sfrego os olhos para me libertar do sono, esforçando-me por recuperar a consciência. Um lampejo de luz capta a minha atenção. Depois, reparo numa comoção do lado de fora da janela. Uma borboleta branca bate as suas asas, que mais parecem uma sombra. Elas esticam-se e ficam alongadas, desvanecendo-se antes de se distenderem novamente.

As minhas pálpebras começam a querer fechar, cativadas pela dança. Com um profundo bocejo, penso nas histórias primitivas sobre as almas vivas que vagueiam pelo mundo sob a forma de insetos. Imagino que sou aquela borboleta, transportada pela brisa da manhã. Livre, contente e feliz. Visito o Hajime e sussurro palavras oníricas e tranquilizadoras sobre o encontro de hoje. *Ensaíamos. Estamos preparados. Eles vão adorar-te.*

— Naoko!

Pestanejo por causa da luz intrusiva que substitui as asas de papel na minha mente. A minha mãe volta a chamar-me da cozinha. Sentada, a minha cabeça anda à roda, por isso deito-me até que passe. Depois, mudo de lado, reboło da cama e vou ter com ela.

— Devias ter-me acordado, Okaasan! — Posto-me rapidamente ao lado dela, quase derrubando a minha avó com a pressa. O cheiro salgado da sopa de *miso* acabada de fazer invade-me as narinas. Já todos comeram e o meu irmão mais novo está a calçar os sapatos para ir para a escola.

— Boa sorte com o teu namorado, Naoko — diz o Kenji, enrugando os lábios e simulando o repenicar de beijinhos.

Ele uiva quando o agarro para o castigar com um beliscão.

— Kenji, vai! — A minha mãe repreende-o, empurrando-me uma tigela vazia para as mãos e indicando-me que me sente à mesa ao lado do meu pai. — Come o que tiver sobrado, depois preparamo-nos. Temos um dia muito importante pela frente.

O meu pai faz cara feia, suspirando antes de beber o seu chá. A veia na sua têmpora lateja sob o cabelo que recentemente ficou grisalho. Tenho a certeza de que sou a responsável por isso.

A minha avó gosta de dizer: «O que é demasiado óbvio pode causar um arrependimento rápido.» O que é óbvio para mim é que o meu pai vai permitir este primeiro encontro com o Hajime para manter as aparências. O que se vai tornar evidente para ele é que eu vou permitir o segundo encontro, que será com o Satoshi, apenas para garantir este primeiro encontro.

Os meus nervos vão ficando em franja à medida que os preparativos da tarde para a apresentação do Hajime vão avançando. Estou quase pronta, mas a Okaasan não está satisfeita com a forma como coloquei a tradicional travessa branca e cor-de-rosa, por isso, quer colocá-la novamente. Seguro-a no meu colo enquanto ela me passa uma escova pelo cabelo.

Esfrego o esmalte da travessa com o polegar, sabendo que não importa se ela está posicionada corretamente no meu cabelo ou não. O Hajime não saberia dizer se a travessa está na posição certa, tal como não perceberia se o jardim mantém ou não a simetria da regra de três, ou se a taça de chá é para o verão, mas a Okaasan não sabe isso.

Ou será que sabe? Será que, de alguma forma, ela descobriu o que tenho andado a esconder? Será que teme a reação do meu pai?

Eu temo.

A minha avó só aumenta o nosso nervosismo.

— Isso não está bem, não estás a ver? A travessa continua inclinada — diz a Obaachan com um grunhido, enquanto se arrasta

pesadamente. Ela finge não ter interesse nos preparativos, mas encontra motivos para passar por lá e dar a sua opinião.

Todos fazem o mesmo. A apresentação perfeita do encontro reflete a honra e a importância da minha família. Isto é verdade, mesmo que o convidado de honra não tenha nem uma coisa nem outra.

A minha mente vai saltitando por entre as regras e o protocolo. Terei explicado ao Hajime onde é que ele se deve sentar? Quando é que ele deve falar? Quanto é que deve comer? A minha pulsação acelera. *Será que lhe disse para só comer pequenas porções?* O Hajime tem sempre muito apetite; eu devia ter-lhe dito. Acho que não lhe disse. Sinto-me quente. Zonza. Nauseada. O *obi* está muito apertado à volta das minhas costelas. A tradição ameaça sufocar-me cada vez que respiro.

— Pronto. Sim. — A Okaasan bate ao de leve em ambos os lados da minha cabeça, depois volta a olhar para o seu trabalho. As flores de ameixoeira caem de um dos lados da travessa com uma delicada precisão. — Agora está bem. Sim, acho que assim está bem.

O meu pai e o Taro passam por nós sem sequer um olhar curioso. Quando for o encontro com o Satoshi, tenho a certeza de que vão agir de forma diferente. Hoje, sou invisível. Sou um fantasma.

A Okaasan faz ajustes de última hora ao meu quimono. É bonito, mas comum, ao contrário do *furisode* que vou usar durante a visita do Satoshi. O outro tem mangas que pendem, compridas e largas, como asas colossais e coloridas.

— Hum... continua torta — diz a minha avó, atrás de nós. Inclina a cabeça para o lado, olhando para o ornamento que tenho no cabelo. — Tampa torta numa chaleira torta.

O meu estômago revira-se. *Será que ela também sabe sobre o Hajime?*

O meu irmão mais novo acredita que a nossa avó comanda raposas que lhe contam tudo o que ouvem. Eu gozo sempre com isso, mas agora já tenho as minhas dúvidas.

A minha mãe volta a olhar para o ornamento que me enfeita a cabeça e respira fundo para rejeitar a opinião da minha avó. Faz-me um sinal para que eu a siga até ao jardim, onde está montado o palco

para o espetáculo que se aproxima. Um tapete macio de palha cobre as pedras do jardim cheias de musgo por debaixo da mesa. O arranjo floral em cima da mesa compreende uma única flor branca. E a preparação ritual para fazer o chá está pronta, a aguardar.

Só o meu pai e o Taro não se encontram nas suas posições.

Estão sentados no jardim, de costas para a entrada, numa oposição silenciosa. O fumo que sai dos seus cachimbos eleva-se pelo ar, como duas cobras entrelaçadas ao longo de uma videira invisível. As minhas entranhas vibram em desacordo.

Está quase na hora.

O Hajime sabe da importância de aparecer no momento certo, nem um minuto mais cedo ou um segundo mais tarde. Ele sabe que tem de percorrer o carreiro que atravessa o jardim orvalhado para se livrar do pó do mundo, calcando os salpicos de água, e sabe que tem de passar pelo portão do meio para que as apresentações oficiais sejam feitas antes do chá. Por isso, mantenho-me atenta, sentindo o calor viscoso a acumular-se na pele, nervosa em antecipação do momento em que o meu pai e o Taro se vão virar, os seus olhos vão incidir sobre ele e vão tecer os seus juízos de valor.

Como a casa fica na diagonal de onde me encontro, consigo ver por onde o Hajime se vai aproximar. Fico de vigia, mas não inspiro ar suficiente para alimentar os pulmões. Dói-me o peito sempre que tento respirar.

Em que estava eu a pensar?

Eu devia ter-lhes contado a *eles*.

Eu devia ter-lhe contado a *ele*.

— Ah, estás a ver? Um sinal de sorte, Naoko. — A minha mãe aponta para a minha manga, onde uma borboleta branca descansa sobre o padrão de flores cor-de-rosa. As suas asas de papel esmorecem e batem com a brisa e, de repente, lembro-me da visão que tive naquela manhã e respiro.

— Sonhei contigo, pequena borboleta — digo, com um sorriso, sentindo os meus nervos acalmarem-se enquanto observo a minha amiga que voltou para junto de mim. — Voámos pelo vento, tu e eu. Trazes-me notícias promissoras?

— Talvez ainda estejas a dormir como no sonho da borboleta de Chuang Tzu — diz a minha avó, enquanto o Taro a ajuda a sentar-se no tapete.

Mantenho-me concentrada na minha pequena visitante, sustendo o braço para que ela possa explorar melhor a seda. O grande mestre taoista sonhou que era uma borboleta sem pensar no seu antigo eu humano. Quando acordou, lá estava ele. Um homem, mais uma vez. Portanto, seria ele um homem que sonhou ser uma borboleta? Ou uma borboleta que agora sonhava ser um homem? O que é real?

— Talvez Chuang Tzu se tenha fixado na coisa errada, Obaachan — digo à minha avó. — Em vez de decidir qual delas é real, talvez sejam ambas as coisas. A verdadeira felicidade existe no meio.

Os lábios dela contraem-se para reter as palavras.

Terei deixado a minha avó sem palavras?

A Okaasan estende uma mão e ajusta o meu penteado, decidindo que, afinal de contas, talvez esteja torto. A minha avó sorri com desdém.

É uma vitória de curta duração.

A borboleta estende as asas brancas e afasta-se. Eu sigo o seu gracioso voo em espiral até os meus olhos se encherem de uma nova visão. O meu futuro.

O Hajime chegou.

A borboleta desce para o cumprimentar, pairando por momentos como que para sussurrar uma bênção antes de reiniciar o voo. As borboletas que esvoaçam no meu estômago não são nem de perto tão graciosas. Elas entrechocam-se e voam num frenesi selvagem.

Os nossos olhares cruzam-se enquanto ele se aproxima. Ele observa o meu quimono tradicional, o cabelo apanhado e a maquilhagem com pó de arroz, mas o seu sorriso desvanece-se quando não vê o meu.

Estou petrificada de pânico.

O meu coração, alojado no alto da minha garganta, bate a uma velocidade impossível. O Hajime está barbeado, com o cabelo aparado e parece uma estrela de cinema, mas porque é que ele vestiu o uniforme de serviço? Porque é que não vestiu um fato? Eu não tinha pensado nisto. O meu descuido vai deitar tudo a perder!

As sobranceiras dele aproximam-se, confuso com a minha reação. Os seus lábios movem-se: *O que se passa?* Mas é tarde demais para explicar. Eles já o viram.

Os olhos da Okaasan saltam dele para mim para me perguntar em silêncio o que ela não ousa dizer em voz alta.

— O quê?! — A minha avó atreve-se a falar por ambas. — Eu *sabia!*

O Taro vira-se perante a sua explosão, desviando os olhos na nossa direção.

Eles abrem-se muito, de surpresa, atraindo a curiosidade do meu pai. Este vira-se.

— O que é isto? — O meu pai põe-se de pé num salto, derrubando a taça de chá mais próxima, que aterra no chão com um baque forte e se racha.

A Okaasan arqueja.

O meu pai aponta-lhe olhos acusadores e depois transfere-os para mim.

O meu estômago revira-se. Eu fico sem conseguir falar, sabendo que tenho de pensar depressa.

— Pai, quero apresentar-te...

— Não vais fazer tal coisa. — O ultraje do meu pai é uma farpa, afiada e perfurante.

Os meus olhos incidem sobre o Hajime. Os lábios dele formam uma linha apertada. Ele está perplexo com a reação deles, mas baixa a cabeça e curva-se.

— É uma honra...

— *Honra?* — O meu pai bufa, furioso. — Não. *Não*. Não há honra *nisto*. — Afasta-se de nós bruscamente.

O Taro segue-o, embatendo com o ombro no do Hajime com força, quando passa por ele.

Viro-me para a minha mãe, confusa.

— Okaasan?

— Por favor, Naoko, despede-te do teu amigo e vem para dentro. — Desculpa-se com uma vénia e segue atrás deles.

— Olha o que fizeste. — A minha avó aponta para a taça de chá partida. O seu olhar é feroz e cortante. — Uma racha que a percorre

divide-a ao meio. Não podes voltar a pô-la na prateleira. Não pertence a lado nenhum. — Ela espeta o queixo. — Estás a ver, Naoko? Não há felicidade no meio. Não com um *gaijin*. — Ela cospe a palavra, depois murmura quando sai: — Rapariga tola e estúpida.

Olho para os pedaços partidos, depois viro-me para o Hajime, à beira das lágrimas.

Ele equilibra-se num pé como que indeciso entre dar um passo para a frente ou para trás.

— Depois de semanas de ensaios, nem sequer lhes disseste? — Ele tira o chapéu para passar a mão pelo cabelo bem penteado. — Porquê?

— Não podia. — A minha voz racha, tão lascada como a taça partida. As lágrimas começam a cair. Aproximo-me dele, desesperada para que ele compreenda. — O meu silêncio foi o que permitiu esta reunião, Hajime. Eu queria que eles te conhecessem, que vissem o rosto do homem que amo e com quem quero casar. Esta era a única maneira.

— Mesmo assim, devias ter-lhes dito, Naoko. — Ele dá um passo atrás, esfregando a nuca com uma mão. — Porque desta maneira, tudo o que veem é o rosto do inimigo. — Os olhos dele deslocam-se para a janela onde o Taro e a minha avó estão a observar-nos, à espera, a julgar-nos. — Um *gaijin* americano.

A palavra vil paira entre nós.

Hoje devia ter sido um dia de felicidade. Eu sabia que iria ser difícil. Que o meu pai e o meu irmão seriam um desafio. Até a minha avó... Mas eu pensei, eu esperava... Eu estava errada.

Com as palmas das mãos abertas, afundo-me nelas.

— Desculpa. — Escondo a emoção, sentindo-me incapaz de suportar a vergonha.

— *Naoko*. — Há uma súplica na forma como o meu nome é articulado. Ele arranca-me os dedos do rosto, depois liberta as madeixas das minhas faces manchadas de lágrimas. — Não, desculpa-me a mim. Não era assim que eu queria que as coisas tivessem corrido para ti. Para nós. Nem mesmo para eles, eu...

Truz-truz-truz-truz. Damos um salto e afastamo-nos quando a minha avó bate no vidro. Ela enxota-o com gestos furiosos e frenéticos.

O Hajime curva-se, depois retrocede no seu caminho, mas detém-se num canto do jardim, num local onde ela não o consegue ver. Enfia as mãos nos bolsos.

Estou perdida no azul líquido dos olhos dele. Na desilusão que eles contêm. O Hajime queria apenas a aceitação da minha família. Eu só quero a aceitação dele. O meu lábio treme.

— Mudaste de ideias?

O ar está parado. Os pássaros não cantam. Tudo sustém a respiração. Ele abana a cabeça.

— Não, *não*, mas tu tens de mudar a opinião deles.

— Como? Eles não me vão ouvir.

— Tu és inteligente e esperta, Grilo. Usa a tua voz. — O Hajime aproxima-se. — Faz com que te ouçam.

A minha avó volta a repreender-nos, batendo na janela, gritando para que eu entre.

Eu e o Hajime olhamos um para o outro.

Uma conversa silenciosa de desejos e vontades.

O Hajime recua, dizendo em silêncio: *Eu amo-te*.

Eu também te amo, digo-lhe também silenciosamente.

Ele sorri. Anui com a cabeça. Depois, vira-se para se ir embora.

— Hajime! — imploro.

A minha avó continua a bater, mas dou um passo em frente.

— Eu vou convencê-los.

— Se alguém consegue fazer isso, és tu — diz ele, e depois volta-se outra vez.

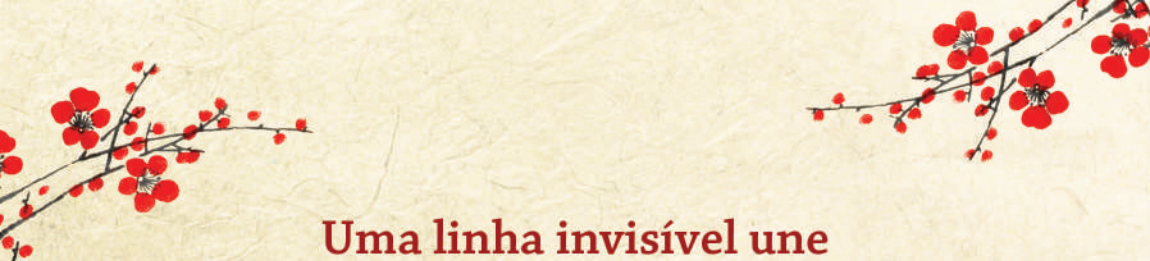
Com um suspiro, observo-o até desaparecer ao virar da esquina. Um fantasma. Uma sombra. Fica cada vez mais comprida, até se desvanecer. E depois deixa de existir.

A minha avó tem razão.

Eu sou uma rapariga tola e estúpida.

Mas também sou uma rapariga que o Hajime acredita ser inteligente e esperta e que tem uma voz. E faço tenção de a usar.

Pois também sou uma rapariga apaixonada.




Uma linha invisível e o destino de duas mulheres...

Japão, 1957. Aos 17 anos, Naoko Nakamura tem uma escolha difícil à sua frente: casar com o pretendente escolhido pela família, assegurando uma vida estável e o estatuto familiar, ou com o homem que ama, um oficial norte-americano que a sua família nunca aprovará. Quando desconfia de uma possível gravidez, Naoko toma uma decisão que irá mostrar-lhe um lado desconhecido do Japão, levando-a a encontrar a força e a coragem que nunca imaginou possuir.

América, presente. Ao cuidar do seu pai doente, Tori Kovač descobre uma carta proveniente do Japão que lhe traz uma revelação inesperada, algo que a fará questionar tudo aquilo em que acredita. Determinada a descobrir a verdade, viaja até uma pequena aldeia costeira nipónica, onde o seu pai viveu nos tempos da guerra e onde ela terá de enfrentar os demónios do passado para trilhar um caminho de redenção.

«Um romance memorável cuja prosa
fica gravada no coração.»

Publishers Weekly

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-248-9  9 789895 642489 Romance Histórico
--	---